

Špánková, Silvie; Antunes, António Lobo

**Antunes, António Lobo (1942): Manual dos Inquisidores (1996)**

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 17-20

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130528>

Access Date: 22. 03. 2025

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

## **Antunes, António Lobo (1942): Manual dos Inquisidores (1996)**

*O romance oferece uma imagem da sociedade portuguesa antes e pós-25 de Abril, concentrando-se na questão do poder e apresentando vários caracteres em circunstâncias de rotura histórico-social (mudança do sistema político no país). O autor aplica, como de costume, uma subtil sondagem psicológica, conjugada com o registo do grotesco e da caricatura.*

- Vais ficar com um palácio e peras Alice  
ou seja um prédio desabado em que chovia

como na rua, buracos do tamanho de armadilhas para lincos onde a gente enfiava os pés o tempo inteiro, um telégrafo ferrugento a servir de armário que volta não volta, igualzinho aos reformados, se lembrava do antigo emprego e desatava a tiquetaquear pedidos de socorro num empenhamento ferrugento, o meu marido radiante, a balouçar a cadeira roçando as nádegas no chão, com um hálito de cerveja capaz de matar osgas no tecto

- Que tal o palaciozinho Alice?

e o médico a aconselhar-me vitaminas e um cruzeiro à Grécia, vitaminas aliás que me custaram quase tanto quanto o pacote custaria se eu tivesse dinheiro para calhaus históricos

- Com vinte e seis anos de crocodilos e mosquitos o que é que a senhora queria?

crocodilos e mosquitos era o menos, uma pessoa habitua-se às terças conforme se habitua àqueles lagartos resumidos a um olho à deriva no rio que de quando em quando engoliam um preto como quem engole uma drageia, o que não fazia grande mal porque os pretos nasciam às ninhadas ao ponto de eu pensar que as mulheres deles, em vez de engravidarem, punham à noite uma dúzia de ovos nas cubatas e de madrugada, ao acabarem de chocá-los, havia um novo bando de pretinhos aos saltos no capim, de maneira que crocodilos e mosquitos eram o menos, o pior era ninguém nos comprar nada na cantina a não ser o meu marido que se tornara o único cliente de si próprio, a gastar-nos uma grade de cerveja num vê se te havias acompanhado pelo indiano que parecia ter oito braços como os deuses dele para poder segurar oito gargalos e apressar o nirvana, que consistia em ficar de pálpebras reviradas, a babar-se de felicidade numa monção de perdigotos, crocodilos e mosquitos eram o menos, o pior era eu nas pranchas de jagada atadas umas às outras que nos serviam de cama, a navegar uma lua de oito

dias que me descia em cascata pelas pernas, com o telégrafo a sobressaltar-me a agonia com os seus discursos delirantes e as mangueiras a desfazerem-se em lágrimas sob a chuva de Novembro, o pior era o fornecedor de Malanje, um chinês minúsculo e gelado, de órbitas impiedosas semelhantes a ranhuras de caixas de esmolos tortas, que se a própria mãe caísse na asneira de lhe dever um tostão a acompanhava de arroz chau-chau e a comia com pauzinhos, escoltado por um segundo chinês que a adivinhar pelas banhas e pelo contentamento do sorriso já comera a mãe de certeza, cortando-nos o crédito e as mercadorias, o meu marido quase de joelhos

- Não me deixe sem a cervejinha amigo

(...)

para ser completamente franca lembro-me do meu marido a correr pelo capim, dos pretos que coçavam a barriga a pensar na morte da bezerra a quem aquela agitação escandalizava, e como da varanda se avistava o rio e os olhinhos a flutuarem nos caniços lembro-me da boca de um crocodilo mesmo junto à margem a espreguiçar-se de repente, lembro-me, com uma certa alegria, do meu marido a tropeçar numa raiz, do meu marido no ar, a perder um dos chinelos numa cambalhota inesperada, lembro-me como se fosse hoje do derradeiro ganido, um segundo antes de se evaporar no esófago do bicho

- Alice

e o médico de Luanda a imaginar a cena e a calcular o que eu padeci, emocionado que graças a Deus há médicos sensíveis, a dar-me pancadinhas compreensivas na mão

- Coitada

o jacaré trancou os lábios com o meu marido dentro, mergulhou no lodo para proceder à digestão e até hoje, abandonando cinco dúzias de mestiços aos horrores da orfandade, eu, viúva, entreguei os tarecos aos escarumbas que os fitaram, a catar as virilhas, numa indiferença de desprezo por não serem Império, e recolhi de luto rigoroso à capital, onde a acumulação de detritos e fazendeiros do café dificultava o trânsito nas ruas, com uma marginal de palmeiras e uma prostituta, nascida com cada árvore, encostada ao tronco e pronta por grandeza de espírito a ajudar os fazendeiros a lavarem o dinheiro nos lençóis sujos da ilha, uma cidade onde os pretos coçavam um pedacinho menos a barriga e se mexiam um pedacinho mais que no mato graças ao argumento pedagógico de um pontapé com alma ou de uma bofetada a tempo, amontoados em bairros de miséria na companhia de cães que eles sovavam por seu turno porque o instinto educativo

(ANTUNES, António LOBO. *Manual dos Inquisidores*. Lisboa: Dom Quixote, 1996, p. 212-213)

**Atividades:**

1. Neste extrato a voz pertence à personagem feminina, dona Alice, que comenta a sua vida em Angola. Tente traçar o seu perfil e suas peripécias.
2. Qual é a imagem de África aqui exposta?

o major e eu nas patrulhas de jipe durante os crepúsculos sobre a chuva, o asco dos mortos, os faróis oscilando a descobrirem muros, ângulos de prédios, taludes, construções de adobe, rápidas sombras que fugiam, e numa aldeia de cadáveres, cadáveres de cachorros, de vitelos, de mulas, de pessoas, de coisas, cadáveres de cadeiras, de caçarolas, de baldes, de gavetas, de fogões, horríveis cadáveres mutilados de fogões, disparos nossos, disparos dos outros que eram nossos também, eu no assento escondido atrás das costas do major, a segurar as lágrimas em gemidos de ovelha, com uma pasta molhada entre a pele e as calças e o major a endireitar-me no banco, filando-me a camisa com a raiva da mão

- Tenha termos senhor ministro seja um homem não me obrigue a bater-lhe

num cruzamento de travessas uma música de gramofone de manivela numa cabana desfeita pela guerra e pela chuva no meio de cabanas desfeitas pela guerra e pela chuva, o major a descer do jipe de pistola, eu a descer do jipe a seguir ao major, enterrado em detritos lodosos, procurando distinguir a direcção das balas, alguém se aproximou da música, abriu a porta com a coronha, a tábua sem gonços que servia de porta sob a tremura do vento, entrámos de roldão no quarto sujo com pratos e talheres no soalho, peças de roupa numa corda, no quarto que era a cabana inteira e no centro do quarto o gramofone antigo, o disco antigo, o gramofone de caixa de madeira e campânula amolgada parecida com as trompas dos anjos a tocar a Internacional ao acaso dos ressaltos da agulha, o major disparou a pistola contra a música e a caixa de madeira transformada numa complicação de cilindros e de molas e de mecanismos estranhos, o major para os agentes, apontando as paredes de barro e de trapos e de pedaços de cartão, apontando o capim, os fragmentos de telha e os pneus usados do tecto

do tecto do tecto

do tecto, apontando as outras cabanas e as palmeiras e o vento e a chuva e os cadáveres das coisas, os horríveis cadáveres mutilados de fogões, apontando-me a mim como apontava as cadeiras e as caçarolas e os baldes e as gavetas, apontando-me principalmente a mim, o major, esquecido do gramofone, apontando-me apenas a mim

- Queimem esta merda toda

os agentes que aumentavam e diminuavam consoante as lanternas trouxeram latas do jipe, desrolharam as latas, regaram-me de petróleo, chegaram-me um fósforo e comecei a arder, palavra, comecei a arder, comecei de facto a arder de maneira que é tarde demais para sair daqui, tarde demais para você me desatar a ligadura do braço e me ajudar a levantar e a caminhar para o armário, tarde demais para tirar a roupa do cabide, me vestir, tropeçar corredor fora amparado a si, quase pendurado em si sem acordar a vigilante, tarde demais para me levar à quinta onde ninguém me espera, nem a Isabel a envernizar as unhas ou a fazer uma paciência de cartas ou a ler uma revista na sala, nem a Titina correndo à cozinha a aquecer-me o jantar, a sopa a saber a gás, as almôndegas insonsas, o molho coalhado, a quinta sem estufa nem celeiro nem pomar, habitada pela fúria dos eucaliptos, pelo esqueleto do moinho, pelos uivos dos corvos, tarde demais para me tirar do seu carro e me deixar numa esquina, no metropolitano, num vão de escada, num banco de jardim, nas camionetas de carga do Intendente, tarde demais para viajar até casa porque os agentes trouxeram latas do jipe, desrolharam as latas, regaram-me de petróleo, chegaram-me um fósforo e comecei a arder, comecei de facto a arder, as paredes de barro e de trapos e de pedaços de cartão a arderem, o tecto de palha e fragmentos de telha e pneus usados a arder, as palmeiras e a chuva e o vento e os cadáveres das coisas a arderem, os horríveis cadáveres mutilados de fogões a arderem, as caçarolas, os baldes, as gavetas, de forma que lhe peço o favor de dizer ao pateta do meu filho, quando ele vier no sábado, dizer ao pateta do meu filho que não sabe sequer governar-se sozinho nem tomar conta de si, um inútil, um pobre diabo, um garoto com medo do escuro, dos ciganos, dos lobos, dos ladrões, dizer ao pateta do meu filho

como hei-de explicar-lhe, como hei-de tornar isto claro, dizer ao pateta do meu filho que posso não ter sido mas que, posso ter falhado mas que, dizer ao pateta do meu filho, você compreende, dizer ao pateta do meu filho

peço-lhe que não se esqueça de dizer ao pateta do meu filho que apesar de tudo eu

(ANTUNES, António LOBO. *Manual dos Inquisidores*. Lisboa: Dom Quixote, 1996, p. 410–412)

### Atividades:

1. Trata-se do último capítulo do romance em que a voz pertence ao ex-ministro do governo salazarista, Francisco. Tente traçar o seu perfil. Onde se encontra? Qual é o seu maior trauma? Como lida com os seus remorsos?
2. Tente reconstruir a relação entre Francisco e seu filho.
3. Tente interpretar o título do romance.